

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Pedro Albuquerque Tenório Miranda

HEIDEGGER: A PROPOSTA DE UMA NOVA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO NADA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Paulo Afonso Araújo.

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Pedro Albuquerque Tenório Miranda, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672198A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado HEIDEGGER: A PROPOSTA DE UMA NOVA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO NADA, desenvolvido durante o período de 11/03/2019 a 05/07/2019 sob a orientação de Paulo Afonso Araújo, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Pedro Albuquerque Tenório Miranda

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

HEIDEGGER: A PROPOSTA DE UMA NOVA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO NADA

Pedro Albuquerque Tenório Miranda¹

Heidegger, Martin, 1889-1976.

“O que é metafísica?”, In: *Marcas do Caminho/ Martin Heidegger*; Tradução de Ernio Paulo Giachini e Ernildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 113-133 (Coleção textos filosóficos)

RESUMO

O seguinte artigo, tem como objetivo destrinchar o escrito de Heidegger “O que é metafísica?” (1929), buscando compreender o caminho trilhado pelo filósofo para a criação da nova perspectiva metafísica proposta pelo mesmo, onde há a incorporação de dois elementos que até então vinham sendo ignorados pela tradição filosófica, o nada e o *dasein*. Esses elementos inseridos no sistema de Heidegger possuem um papel central no desenvolvimento de sua tese, que busca conciliar o nada e o *dasein* com a metafísica.

PALAVRAS-CHAVE: nada, metafísica, ente, *dasein*, ser-aí

ABSTRACT

*The following article aims at understanding Heidegger's essay "What is metaphysics?" (1929), seeking to follow the path taken by the philosopher for the creation of the new metaphysical perspective proposed by him, where there's the incorporation of two elements that until then were being ignored by the philosophical tradition, the nothingness and the *dasein*. These elements embedded in Heidegger's system play a central role in the development of his thesis, which seeks to reconcile the nothingness and the *dasein* with metaphysics.*

KEYWORDS: *nothingness, metaphysics, being, *dasein*, being-there*

1. INTRODUÇÃO

O escrito “O que é metafísica?” de 1929 feito por Martin Heidegger foi elaborado dois anos após a publicação de sua principal obra “*Ser e tempo*” de 1927. Nesse escrito, Heidegger propõe o retorno à questão acerca do nada, buscando estabelecer um modo para que o conhecimento acerca do nada se torne atingível e que, a partir do qual, se possa discursar e estudar o assunto no campo teórico sem entrar em conflito com a lógica tradicional, que implica a impossibilidade de tal discussão.

Heidegger organiza e divide seu texto em uma breve introdução e três partes, visando arquitetar uma fluida cadeia de reflexões para levar-nos à compreensão da questão fundamental que ele desenvolverá desde o seu princípio, passando pela construção de um questionamento, o desdobrar-se desta interrogação criada, até chegar finalmente nas respostas alcançadas. Após toda a estruturação de sua teoria, Heidegger responde ao final de seu texto diversas questões e dúvidas, uma vez que a obscuridade do tema se torna uma barreira para sua compreensão.

Em sua breve introdução ao texto, Heidegger explica, que apesar de o nome do texto “O que é metafísica?” criar a expectativa de uma discussão sobre a metafísica, não será o caso encontrado neste texto. Heidegger apresenta o texto como a discussão de uma determinada questão dentro da metafísica, que nos transportará para o interior da mesma, para dessa forma podermos colher da melhor forma o que a metafísica tem a revelar.

“Nosso intuito começa com o desdobramento de uma questão metafísica. Em seguida, ele procura elaborar a questão e se consuma com sua resposta.”

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: pedroalbuquerquejf@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dr. Paulo Afonso Araújo.

2. O DESENVOLVIMENTO DE UMA INTERROGAÇÃO METAFÍSICA

Heidegger inicia a primeira parte de seu texto fazendo uma breve menção a Hegel, que define a filosofia como o “mundo às avessas”² sob o ponto de vista do entendimento humano, e a partir disso, reitera que devido a isso torna-se essencial uma especificação preparatória para as peculiaridades do que nos propomos a realizar, e que “Essa especificação surge de uma dupla característica da interrogação metafísica.” (pág. 113)

Esta dupla interrogação metafísica começa a partir do momento em que o único modo de questões metafísicas serem formuladas e desenvolvidas é através do *Dasein*³ questionador. Para entendermos do que Heidegger está falando, devemos compreender que não existe como alguma experiência ser desenvolvida em nós sem que o local, tempo, ou qualquer outro fator ao qual estejamos expostos interfiram na nossa relação a essa experiência vivenciada. Apesar de entender que possamos (e devemos) fazer um exercício de imparcialidade para tentarmos ser o mais fiel possível às experiências que não estão inseridas na mesma espacialidade ou temporalidade a qual pertencemos, sempre carregaremos uma parcela de nós para qualquer interpretação de fatos históricos, leituras antigas ou qualquer outra coisa, pois não importa o que façamos, sempre o faremos através de nosso *dasein*.

A segunda característica da interrogação metafísica é a de que toda questão metafísica sempre abarca metafísica em sua totalidade, uma vez que ela é a própria totalidade. A partir daqui podemos compreender o solo a partir do qual Heidegger formulará seu escrito. A pergunta “O que é metafísica? que dá nome à obra, se trata de uma questão metafísica específica, que por sua vez, abarca a problemática metafísica em sua totalidade, e é reconhecido que esta questão por sua vez, está exposta à totalidade do seu *Dasein* formulador, o que coloca a existência do homem intrínseca ao seu discurso. Logo, fazendo jus ao solo que estabeleceu para sua filosofia, prossegue teorizando a partir do horizonte em que seu *dasein* está inserido: a comunidade de pesquisadores, professores e estudantes. Heidegger reconhece a ciência como o que determina nosso *dasein* dentro do meio acadêmico, mas a pergunta para ele é: “O que acontece de essencial nas raízes do ser-aí, na medida em que a ciência tornou-se a nossa paixão?”.

Quando dizemos ciência, podemos estar nos referindo aos mais diversos campos do conhecimento existentes, que, apesar de serem todos enquadrados em uma mesma categoria de “ciência”, possuem maneiras tão diferentes de abordar de seus respectivos objetos de estudo, que nos dias de hoje, o único motivo para a conservação dessa unidade é a organização técnica de universidades e faculdades e a fixação de suas distintas finalidades práticas, mas o fundamento essencial que as unia como categoria já não mais existe.

Contudo, Heidegger compreende que independentemente da ciência, o nosso relacionamento sempre se caracteriza da forma mais autêntica possível em relação ao ente⁴ estudado, tanto que, aos olhos das próprias ciências não há nenhuma hierarquia a ser seguida, pois cada uma possui sua própria metodologia. Para entendermos isso melhor, faz-se necessária uma distinção básica entre a exatidão e o rigor.

“Nenhum modo de tratamento dos objetos supera os outros. Conhecimentos matemáticos não são mais rigorosos que os filológico-históricos. A matemática possui apenas o caráter de “exatidão”, e esse não coincide com o rigor. Exigir da história exatidão seria chocar-se contra a ideia do rigor específico das ciências humanas. A referência ao mundo, que impera através de todas as ciências enquanto tais, faz com que elas procurem o próprio ente para, conforme o seu conteúdo quiddativo e o seu modo de ser, transforma-lo em objeto de investigação e determinação fundante. Nas ciências realiza-se – no plano das ideias – uma aproximação daquilo que é essencial em todas as coisas.” (pág. 114)

Esta distinção é o que nos permite colocar todas as ciências no mesmo patamar de importância, pois cada uma através de sua metodologia, irá estudar o seu objeto de estudo com todo o rigor de sua área, indiferentemente do alcance de resultados precisos, pois a exatidão não é um rigor universal das ciências. Nesse sentido, cada ciência direciona-se para seu objeto de estudo e o mantém como referência ao mundo, o determinando como fundante. Ao nos direcionarmos aos entes, nossas atividades pré e extra científicas assumem também algum papel em relação aos mesmos, contudo, a ciência traz algo distinto para essa

² Conceito da filosofia de hegeliana. É considerado para Heidegger, como uma forma da filosofia ter seu olhar voltado para a compreensão dos fundamentos do mundo, de acessar a dimensão deixada de lado pelo homem fático.

³ *Dasein* é o termo utilizado por Heidegger para se referir ao ser humano fático individual. O *Dasein* é espaço-temporal, pois está sempre submetido as condições do local do tempo em que se encontra inserido. O termo “ser-aí” também pode ser utilizado para se referir ao *dasein*.

⁴ São considerados como entes as coisas óticas/fáticas/físicas do nosso mundo.

interação, pois ao seu modo, concede exclusivamente ao ente a primeira e última palavra durante sua investigação, permitindo que o ente realmente se manifeste, dada a objetividade com que é abordado.

Ao determinarmos a nossa existência ao saber científico, o fazemos de forma autônoma, ainda que a possibilidade dessa escolha seja delimitada às possibilidades do ser humano. Quando buscamos a compreensão plena de uma referência particular de mundo, necessitamos ver e assimilar o que acontece ao ente, uma vez que ele está no centro da investigação científica que a designou como o referencial de mundo.

“O homem, - um ente entre outros – “faz ciência”. Neste “fazer” não acontece nada menos do que a irrupção de um ente chamado homem na totalidade do ente; e isto de tal maneira, em verdade, que na e por meio dessa irrupção se descobre o ente naquilo que e como ele é. Essa irrupção reveladora é o que, em primeiro lugar, colabora, a seu modo, para que o ente chegue a si mesmo.” (pág. 115)

Logo, são estabelecidas três dimensões necessárias para caracterizarmos um “ser-aí científico”, sendo eles a referência ao mundo, a postura adotada (em relação ao referencial), e a irrupção do homem ao ente. A primeira dimensão trata dos diversos entes adotados pelas diferentes ciências como referencial ao mundo. A segunda é definida pelo modo como o ente referencial será abordado. Já a terceira, trata-se do confronto do homem com o ente, para que este se mostre em sua totalidade.

“Aquilo para onde se dirige a referência ao mundo é o próprio ente – e nada mais. Aquilo de onde toda postura recebe sua orientação é o próprio ente – e nada para além dele. Aquilo com que a confrontação investigadora acontece na irrupção é o próprio ente – e nada para além dele.” (pág. 115)

Se pararmos para uma breve reflexão, perceberemos que estranhamente, quando a ciência diz que deve-se estudar apenas o ente, acaba de forma não intencional referindo-se a outra coisa para além do ente, a fim de delimitar aquilo que lhe é mais próprio; acaba sempre recorrendo ao nada.

Ao atingirmos esse ponto da investigação de Heidegger, muitas perguntas começam a emergir. O que queremos dizer com este nada que se faz presente ao lado da referência ao mundo das ciências em tantas afirmações feitas pelo ser-aí científico? Ao que podemos perceber, a ciência não se importa com ele, o rejeitando-o como aquilo que não há. Contudo, ao rejeita-lo a ciência está precisamente o admitindo, ao mesmo tempo que também admite que nada quer saber acerca do mesmo. Nesse ponto podemos perceber diversas incoerências na posição científica em relação ao nada. Ao mesmo tempo que o reconhece, o rejeita, e mesmo o rejeitando, recorre a ele para poder expressar o que lhe é próprio.

A questão então é formulada: o que acontece com este nada?

2.1 – A ELABORAÇÃO DA QUESTÃO

Ao elaborar a questão sobre algo tão cabalístico como o nada, iremos fatalmente nos encontrar em uma situação polarizada: ou a resposta da questão se mostrará possível ou então será evidenciada a impossibilidade da resposta para tal questão. Independentemente de ser passível ou não de resposta, o nada é admitido.

Uma vez que o nada é admitido, Heidegger dá um passo adiante em sua investigação, e para isso, deve-se iniciar as perguntas sobre ele.

“O que é o nada? Já na primeira abordagem desta questão mostra algo insólito. No nosso interrogar já pressupomos antecipadamente o nada como algo que “é” de tal e tal modo – como um ente.” (pág. 117)

Ao nos referirmos ao nada como algo que “é”, nós acabamos o entificando, e antes mesmo de buscar as respostas da questão, já entramos em contradição, pois é justamente do ente que o nada se distingue e se difere em seu nível mais elevado.

“O perguntar pelo nada – pela sua essência e seu modo de ser – converte o interrogado em seu contrário. A questão priva-se a si mesma de seu objeto específico” (pág. 117)

Mas então como devemos inquirir sobre o nada se assim como na pergunta “o que é o nada?”, a resposta desta pergunta já contraditória também irá necessariamente se referenciar ao nada como aquilo que “é” algo? Teria essa investigação alcançado o polo do qual falamos em que a resposta se mostra impossível?

Ao pararmos para pensar o motivo que impossibilita o desenvolvimento desta questão, concluiremos que o antagonismo encontrado é resultado de um conflito direto com a lógica, uma vez que o pensamento sempre deve ser pensamento de algo, justamente aquilo de que o nada se difere.

Percebendo que pelos caminhos tradicionais de uma investigação onde a lógica impera como soberana tratar a questão do nada se torna impossível, Heidegger propõe uma forma diferente para dar continuidade à pesquisa.

"Pelo fato de assim nos ficar vedado converter, de algum modo, o nada em objeto, chegamos já ao fim da nossa interrogação pelo nada – contanto que pressuponhamos que nesta questão a "lógica" seja a última instância, que o entendimento seja o meio e o pensamento o caminho para compreender originariamente o nada e para decidir o seu possível desvelamento." (pág. 117)

Mas ao propor esse novo rumo à investigação sobre o nada, ao colocar o entendimento acima da lógica, é necessário que esse ato seja fundamentado de forma plausível, o que Heidegger pretende fazer com êxito.

Para conceber ao entendimento a soberania dessa questão, Heidegger alega, que é apenas com o seu auxílio que podemos determinar o nada e colocá-lo como um problema, ainda que de forma insolúvel. Então, para guiar a questão do nada ao domínio do entendimento, primeiramente Heidegger eleva o nada ao nível mais alto do negativo, uma vez que o nada é a negação da totalidade do ente, o puro não-ente. Logo após, se utiliza da própria lógica, que classifica a negação como um ato do entendimento. Com efeito, a incontestada lógica classifica a negação como um ato do entendimento, e o nada por sua vez, como sendo a determinação mais alta do negativo, está no domínio do entendimento. Eis o que Heidegger afirma para construir a base estrutural do seu argumento:

"Mas será que é tão seguro aquilo que aqui pressupomos? Será que o "não", a negatividade e, com isto, a negação representam a determinação suprema a que se subordina o nada como uma espécie particular de negado? "Há" o nada apenas por que há o "não", isto é, a negação? Ou será que não acontece o contrário? Existe a negação e o "não" apenas porque "há" o nada? Isto não está decidido; nem mesmo chegou a ser formulado expressamente como questão. Nós afirmamos: o nada é mais originário que o "não" e a negação." (pág.118)

Se admitirmos essa teoria como correta, se torna possível que continuemos a investigação acerca do nada. Contudo, isso gera questões, pois se estes pressupostos estão corretos, a possibilidade de negação como atividade do entendimento, e, por conseguinte, o entendimento, se tornam em certa medida dependentes do nada. Com isso, se o nada está em um patamar superior, então, como poderia o entendimento querer decidir sobre o mesmo? Não seria isso o ato de um entendimento obstinado que se pretende sem fronteiras? Para Heidegger é necessário que formulemos a questão acerca do nada mesmo com a aparente impossibilidade formal, mas para isso devemos preencher as exigências fundamentais para a formulação de qualquer questão.

Para que o nada seja questionado, primeiramente ele deve estar dado, então faz-se necessário para o proceder da investigação, que "encontremos" o nada. Mas como podemos procurar algo se nem mesmo sabemos exatamente o que buscamos? Heidegger acredita que nós conhecemos o nada, mesmo que da forma vulgar a qual nos referimos a ele cotidianamente.

"O nada é a plena negação da totalidade do ente. Esta característica do nada não nos fornece, por fim, uma indicação da direção na qual unicamente teremos uma possibilidade de encontra-lo? A totalidade do ente deve ser previamente dada para que possa ser submetida enquanto tal simplesmente à negação, na qual, então, o próprio nada deverá se manifestar." (pág. 119)

O rumo a ser tomado pela investigação é finalmente lançado. Para encontrar o nada, precisamos encontrar o ente em sua totalidade e submetê-lo à completa negação. Contudo acessar o ente em sua totalidade é uma tarefa impossível para seres finitos como nós, então Heidegger propõe que o façamos por via do pensamento. Apesar de não sermos capazes de acessar o ente em sua totalidade, podemos pensar a ideia da totalidade do ente, para então, negarmos, e pensa-la como negada. Heidegger acredita que assim, encontraremos o conceito formal do "nada figurado", pois jamais atingiremos o conceito do próprio nada de forma direta. Mas poderia esse conceito de "nada figurado" dar conta da teorização acerca do próprio nada? Heidegger defende que sim, pois não pode haver diferença alguma entre o nada figurado e o nada autêntico, uma vez que o nada é a absoluta indistinção.

Deve-se então, começar a busca pela totalidade do ente. Heidegger afirma, que apesar de ser fundamentalmente impossível apreendermos a totalidade do ente em si, nós estamos cercados por ela cotidianamente através de nosso *dasein*. Entretanto, nosso *dasein* costumeiramente concebe de forma fragmentada as suas interações com os entes, e acaba, por assim dizer, não identificando a totalidade do ente que se apresenta vagamente quando não estamos nos ocupando desses fragmentos. Para exemplificar situações em que nos deparamos com esse ente em sua totalidade, Heidegger não perde tempo em citar o tédio⁵. Este tédio nos coloca diante do ente em sua totalidade pois ele nivela o nosso *dasein* com todas as coisas e todos os homens, tornando impossível que nos ocupemos de qualquer coisa. Ele é a plena percepção de todos os entes que se encontram em dado momento.

Heidegger também cita outras possibilidades que nos levam para diante do ente em sua totalidade:

“Uma outra possibilidade de tal manifestação se revela na alegria pela presença do ser-aí – não da pura pessoa – amado. Semelhante afinação faz com que a gente se encontre disposto de tal ou tal maneira – perpassados por esta afinação – em meio ao ente em sua totalidade. A disposição própria à tonalidade afetiva não revela apenas, sempre à sua maneira, o ente em sua totalidade. Ao contrário, este revelar é simultaneamente – longe de ser um simples episódio – o acontecimento fundamental de nosso ser-aí. O que chamamos de “sentimentos” não é nem um fenômeno secundário fugido de nosso comportamento pensante volitivo, nem um simples impulso causador de tal fenômeno, nem um estado atual com o qual temos de nos haver de uma maneira ou outra.” (pág. 120)

Estranhamente, após descobrirmos as circunstâncias em que somos levados para diante do ente em sua totalidade, se torna improvável que consigamos ser levados à presença do nada através da negação do ente em sua totalidade manifesto nas tonalidades afetivas. Para Heidegger, então, o caminho da investigação toma outro rumo. Se existe uma tonalidade afetiva que nos leva diante do ente em sua totalidade, Heidegger propõe que procuremos também, uma tonalidade afetiva no *dasein* que seja capaz de nos levar para diante do nada.

Mas de fato há alguma tonalidade afetiva no ser-aí que seja capaz de levá-lo à presença do próprio nada?

Para Heidegger sim. Segundo ele, a tonalidade afetiva a qual buscamos é a angústia. O filósofo afirma que a angústia é capaz de nos levar para diante do nada, mesmo que apenas por instantes. Para explicar o motivo de a angústia nos levar diante do nada, Heidegger elucida que o forte sentimento de indeterminação do motivo que nos leva a estar angustiados se trata não apenas de uma pífia dificuldade de descrição, mas sim da plena impossibilidade de tal determinação.

Esse sentimento é descrito pelo filósofo como o distanciamento do ente em sua totalidade do *dasein*, e por este motivo, não conseguimos dizer diante do que estamos angustiados. O afastamento do ente em sua totalidade faz com que sobre apenas o nosso ser-aí suspenso onde nada há em que se apoiar.

“A angústia corta-nos a palavra. Pelo fato de o ente na totalidade se evadir e, assim, justamente o nada nos acossar, emudece em sua presença qualquer dicção do “é”. O fato de nós procurarmos muitas vezes, na estranheza da angústia, buscarmos romper o silêncio vazio com palavras sem nexos é apenas testemunho da presença do nada. Que a angústia revela o nada é confirmado imediatamente pelo próprio homem quando a angústia se afasta. Na posse da claridade do olhar, a lembrança recente nos leva a dizer: Diante de que e por que nós nos angustiávamos não era “propriamente” – nada. Efetivamente: o nada mesmo – enquanto tal – estava aí.” (pág. 122)

A investigação finalmente consegue atingir um ponto satisfatório no que diz respeito ao desenvolvimento da pergunta sobre o nada. Agora que sabemos a partir de onde questionar o nada, chegamos à última parte da pesquisa de Heidegger acerca do nada.

O que acontece com o nada?

2.2 – A RESPOSTA À QUESTÃO

Para dar a resposta a esta questão, Heidegger explicita que devemos manter a resposta da questão condizente com os preceitos de sua formulação. Isto implica que se deve responder à questão acerca do nada através do *dasein* na circunstância em que ele torna o nada manifesto em si.

⁵ Com tédio quer dizer o pleno sentimento “estar entediado”. Este tédio do qual Heidegger se refere, não pode estar ligado a nenhum tipo de atividade, pois para ele, se o tédio é tédio de algo, então ainda estamos distantes da experiência que nos deixa diante da totalidade do ente.

“O nada se revela na angústia – mas não enquanto ente. Tampouco nos é dado como objeto. A angústia não é uma apreensão do nada. Não obstante, o nada se torna manifesto por ela e nela, ainda que não de uma maneira tal como se o nada se mostrasse separado “ao lado” do ente na totalidade, o qual caiu na estranheza. Nós dizemos muito mais o seguinte: o nada vem ao encontro na angústia juntamente com o ente na totalidade.” (pág. 123)

Uma vez compreendida a forma em que o nada se torna manifesto, pode-se desenvolver a investigação sobre questão.

Heidegger afirma que ao manifestar-se, o nada vem de encontro na angústia juntamente com o ente na totalidade. Ao dizer isso, o filósofo busca expor de forma concisa que quando o nada se torna manifesto não há uma destruição do ente, e sim uma evasão do *dasein* da totalidade do ente.

Com efeito, o *dasein*, diante do nada causado pelo sentimento da angústia, presencia um sentimento de fuga do ente em sua totalidade, o que traz a percepção deste ente como pura e simplesmente outro. Heidegger entende esse acontecimento como a essência do nada, e o chama de *nadificação*.

“O *nadificar* do nada não é um episódio casual, mas, como remissão (que rejeita) ao ente na totalidade que se evade, ele torna manifesto esse ente em sua plena, até então estranheza como pura e simplesmente outro – em face do nada.” (pág. 124)

Somente ao sermos expostos ao nada da angústia, percebemos que o ente é, e não nada. O nada é condição prévia de manifestabilidade do ente. Este nada, ao agir de acordo com sua essência, leva o *ser-aí* para diante do ente enquanto tal, e postura adotada pelo *ser-aí* em relação ao ente já é derivada inicialmente desse nada previamente manifesto. Eis o que Heidegger diz:

“Somente com base na manifestabilidade originária do nada, o *ser-aí* do homem pode chegar ao ente e nele entrar. Na medida, porém, em que o *ser-aí* assume, de acordo com sua essência, um comportamento em relação ao ente que ele próprio não é e que ele próprio é, ele já sempre provém como tal *ser-aí* do nada manifesto.
Ser-aí quer dizer: estar suspenso dentro do nada.” (págs. 124 – 125)

Heidegger acredita que neste ponto da investigação finalmente podemos dar a resposta da pergunta “o que é o nada?”.

Com base nas investigações até agora feitas, podemos dizer que o nada é, nas palavras de Heidegger “a possibilitação da manifestabilidade do ente enquanto tal para o *ser-aí* humano.” (págs. 125 – 126), e apesar da grande distinção do ser e do nada, eles pertencem à mesma essência e estão em mútua relação; “No ser do ente acontece o *nadificar* do nada.” (pág. 125).

Ao entrar no ente em sua totalidade, o *dasein* fica cada vez mais imerso em suas apropriações de sentido e cada vez mais distante do nada, que por sua vez, é *nadificado*, dando origem ao “nã”, que emerge apenas diante dessa ausência do nada. Com isso, Heidegger prova que o nada é mais originário que o nã, ao contrário da percepção que seus predecessores tinham acerca da questão.

Como o *ser-aí* está retido no nada e só pode entrar no ente através da manifestabilidade originária do nada, podemos dizer, que o *ser-aí* está sempre para além do ente em sua totalidade, ou seja, o *ser-aí* transcende o ente em sua totalidade.

Com efeito, quando perguntamos pelo nada, estamos indo para além do ente na totalidade. A metafísica enquanto tal, se caracteriza como “aquilo que está além do ente”. Logo, o nada, abarca a totalidade da questão metafísica. O fato do estudo da metafísica existir como estudo daquilo que está para além do ente, é parte da natureza do *ser-aí*, pois este está estudando sua própria essência, uma vez que está suspenso no nada, que por sua vez está além do ente. A ciência é caracterizada pelo estudo que se remete ao ente. Uma vez que a ciência se remete ao ente, e o nada é o que lança o *ser-aí* para a totalidade do ente, podemos dizer que a metafísica está na origem da ciência.

Com isso, Heidegger responde a pergunta que dá nome ao escrito: “O que é metafísica?”

“Metafísica é o questionamento que se lança para além do ente, a fim de recuperá-lo enquanto tal e na totalidade, para a compreensão.” (pág. 129)

E segue com a conclusão de sua investigação:

“O ser-aí humano somente pode entrar em relação com o ente, se ele se retém no nada. O ultrapassamento do ente acontece na essência do ser-aí. Esse ultrapassamento, porém, é a própria metafísica. Nisto reside o fato de que a metafísica pertence à natureza do homem. Ela não é uma disciplina da filosofia “acadêmica”, nem um campo de ideias arbitrariamente excogitadas. A metafísica é o acontecimento fundamental do ser-aí. Ela é o próprio ser-aí. Pelo fato de a verdade da metafísica residir nesse fundamento abissal, ela sempre possui à espreita, como vizinhança mais próxima a possibilidade do erro mais profundo. É por isto que nenhum rigor de qualquer ciência alcança a seriedade da metafísica. A filosofia jamais pode ser medida pelo padrão da ideia da ciência.” (pág. 132)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Martin Heidegger, ao se deparar com a estagnação da Filosofia como tal, engessada a séculos, vislumbra fazer uma quebra de paradigmas com seu escrito “O que é metafísica?”, tendo como objetivo a volta do desenvolvimento da filosofia através de novas perspectivas.

O que torna esse escrito único é o desenvolvimento de uma nova linha de investigação criada por Heidegger para nos guiar ao que ele entende como sendo o centro de toda a questão da metafísica. Os argumentos são apresentados pelo filósofo da forma mais pertinente possível, estabelecendo um solo firme para a desenvoltura de seus argumentos, permitindo o desenvolvimento de questões até então negadas pela tradição tais como o nada, e o trazendo para o centro da questão metafísica como sua principal característica. Outro grande ponto adicionado por Heidegger à metafísica é a inserção do ser-aí, para o centro da investigação, o considerando como ontológico, ao contrário do que a tradição pregava até então.

Esse escrito de Heidegger possui uma grande importância, pois traz para a filosofia novos pontos para serem explorados, e liga a questão metafísica diretamente a ciência e ao ser e ao nada, tornando o homem fático uma parte da metafísica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Heidegger, Martin, 1889-1976.

. “O que é metafísica?”, In: *Marcas do Caminho/ Martin Heidegger*; Tradução de Ernio Paulo Giachini e Ernildo Stein; revisão da tradução de Marco Antônio Casanova – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 113-133 (Coleção textos filosóficos)

LIMA, J. DOS S. A preleção (1929) de que é Metafísica?, de Martin Heidegger. *Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação*, v. 1, n. 1, 30 set. 2010.